

## ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO I SEGMENTO DA MATEMÁTICA EM EJA

Ayla Vanessa Leite Dantas<sup>1</sup>; Maria Jose Guerra<sup>2</sup>.

*Bolsista do Programa de Iniciação Científica – PIBIC e Graduanda em Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I, [vanessa.ayla5@hotmail.com](mailto:vanessa.ayla5@hotmail.com)<sup>1</sup>; Doutora em educação, Coordenadora PIBIC/UEPB e Professora do Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba- Campus 1, [maria1000.guerra@gmail.com](mailto:maria1000.guerra@gmail.com)<sup>2</sup>*

**Resumo:** Este trabalho é parte de uma pesquisa de iniciação científica – PIBIC/UEPB, ainda em andamento, que se iniciou desde o ano de 2016 em uma unidade pública do município de Campina Grande, na Paraíba, que se propõe a uma reflexão sobre a compreensão da alfabetização e letramento, voltada para o ensino do I Segmento da Matemática em EJA. Objetiva compreender qual é a importância do letramento para a prática de alfabetização, a partir do processo de leitura e escrita no contexto da língua materna e, sobretudo, da linguagem no ensino da matemática, na sala de aula da Educação de Jovens e Adultos. Adotou-se uma metodologia qualitativa de abordagem etnográfica que investiga a sistemática do cotidiano escolar e, leva em conta, o encontro professor-aluno-conhecimento nas situações sócio interacionais de ensino da matemática em sala de aula da EJA. Para a análise dos dados optamos por fazer uso de um conjunto de técnicas de análise com o objetivo de realizar leituras dos dados coletados e assim compreender o objeto da pesquisa, ao mesmo tempo, puder analisar a dimensão teórica do tema. Tivemos como participante da pesquisa 1 turma composta de um total de 23 alunos, sendo 20 mulheres e 3 homens e o professor. Para uma maior compreensão sobre a nossa pesquisa fizemos uso de autores e autoras, como: Dante (1991), Freire (2000), Duarte (2008), Kleiman (2012), Marcuschi (1999 e 2001), Mollica (2009), Ribeiro (2001), Rojo (2009), Soares (2003), entre outros. Os resultados da pesquisa apontam para a compreensão de que: o letramento não é só mais um instrumento na formação e, sim, um resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais da escrita e da leitura de mundo tanto no contexto matemático quanto para a linguagem oral, de modo que a experiência venha a contribuir significativamente, na autonomia dos educandos.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Letramento. Ensino de Matemática.

### INTRODUÇÃO

A educação do país, em geral começa, com as bases educacionais que são de suma importância e apontam para o crescimento, desenvolvimento e as transformações da sociedade como um todo, então, é nesse processo de alfabetização inicial que se encontra a proposta curricular do I Segmento da EJA.

Conforme Ribeiro (2001) a educação de jovens e adultos correspondente a esse nível de ensino que se caracteriza, não só pela diversidade do público que atende e dos contextos em que se realiza, como pela variedade dos modelos de organização dos programas, mais ou

menos formais, mais ou menos extensivos. Por sua vez, a legislação educacional brasileira é bastante aberta quanto à carga horária, à duração e aos componentes curriculares desses cursos.

Considerando essa flexibilidade, a proposta curricular avança no detalhamento de conteúdos e objetivos educativos, mas que permite uma variedade grande de combinações, ênfases, supressões, complementos e formas de concretização, mesmo assim, sabe-se que o resultado do fracasso escolar em relação à aprendizagem, ocorre nessa fase inicial da EJA, correspondente a prática de alfabetização e o letramento tanto “linguístico” quanto matemático, que se iniciam e devem caminhar juntos, para a construção de conhecimentos sistemáticos, que de forma natural ao desenvolvimento do aluno vai se ligar aos fatores vivenciados fora da escola, tão qual em seu ambiente escolar. Para que isso aconteça, é necessário o comprometimento por parte da escola, professores e também a qualidade do ensino e um método de alfabetização e letramento que se adapte à realidade vivenciada pelos alunos, causando assim uma significação em suas vidas.

Entendemos letramento como uma construção condicionada, por exemplo, pelo resultado de uma inter-relação de fatores, entre outros. A este respeito, às autoras Mollica e Leal (2009, p.57) ao tratar especificamente sobre “a fala e o cálculo mental”, bem como “os saberes prévios”, nos fazem entender de que os jovens e adultos desenvolvem estratégias, ao longo de sua experiência da/na vida, advinda desde as suas necessidades básicas e de convivência do mundo do trabalho, até pela necessidade de interagir com diferentes situações que oferecem os contextos sociais de letramento e alfabetização.

Duarte (2008, p.7-11) ao tratar especificamente sobre “o ensino de matemática na educação de adultos” admite, que o ensino de matemática para alfabetizando adultos tem sido uma área quase que totalmente abandonada. Para o autor aqueles que trabalham com a EJA tem, geralmente, um receio em relação à matemática e, em sua maioria, consideram essa modalidade de ensino como um problema secundário, ou, um problema que não pertence a sua área de atuação. As tentativas para superar esse abandono tem se reduzido, muitas vezes, a adaptações precárias de metodologias criadas inicialmente para o ensino infantil. Para tanto, sugere Duarte que o ensino da matemática deve estar centrado em torno de temas relacionados ao custo de vida, à inflação, a cálculos de reajustes salariais, formação de cooperativas. O objetivo é de que a matemática não seja vista separada dos problemas sociais. Partindo desse entendimento, podemos dizer que explorar e valorizar o cálculo mental, ou mesmo a matemática oral não só pode ajudar como propicia ao professor conhecer e

compreender os saberes de seus alunos, quando esses transferem experiências de vida para o ambiente escolar, como também permite obter maior compreensão das marcas culturais e de passagens de lembranças dadas de situações anteriores no percurso existencial do ensino regular.

Este estudo tem por objetivo analisar a experiência das práticas sociais de letramento e alfabetização, a partir do processo de leitura e escrita no contexto da língua materna e, mais especificamente, da linguagem matemática, a partir do dizer de professor/aluno no I Segmento da Educação de Jovens e Adultos.

Diante do exposto, este texto está organizado a partir do tópico introdutório, que situa rapidamente, a problemática do estudo e fornece o objetivo deste estudo para o leitor. O segundo apresenta a metodologia de cunho etnográfico, na intenção de compreender o que significa o processo de alfabetização e letramento na prática de alfabetização de adultos e idosos na educação de jovens e adultos. O terceiro tópico está relacionado com os resultados alcançados durante a pesquisa realizada em sala de aula. O quarto e último tópico fornece a conclusão do estudo seguido das referências bibliográficas que foram estudadas para a realização deste estudo.

## **METODOLOGIA**

Diante da necessidade de discutirmos sobre a prática da alfabetização e letramento no I segmento do ensino da matemática em EJA, optou-se pela pesquisa qualitativa que pode ser caracterizada como uma tentativa de compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos sujeitos (RICHARDSON, 2009). A este respeito, Bogdan e Biklen (1994) nos esclarece que, esse tipo de pesquisa trabalha com o ambiente natural e envolve a obtenção de dados descritivos, no contato direto do pesquisador com a situação estudada.

Nessa perspectiva, é importante destacarmos que a pesquisa qualitativa do tipo descritiva, procura explicar e descrever com fidedignidade sobre o objeto investigado. Ou conforme Oliveira (2010), esse tipo de pesquisa faz uma descrição detalhada da forma como se apresenta o fenômeno, caracterizando-se como uma análise profunda da realidade pesquisada. Dessa forma, para entendermos melhor o funcionamento da prática de alfabetização e letramento no I Segmento da matemática em EJA, buscamos a pesquisa de campo, em uma sala de aula noturna, de uma unidade escolar da rede municipal de Campina Grande-PB, durante o ano de 2016.

A turma pesquisada de pessoas jovem e adulta funciona, em uma escola pública, localizada em um bairro de periferia, na cidade de Campina Grande-PB. A referida turma era constituída de 23 alunos, com idade entre 22 anos à 45 anos, todos moradores do bairro onde se localiza a unidade de ensino. Predomina na classe, o maior número de alunos, como sendo do sexo feminino. A turma dispõe de um professor que possui o curso superior de Licenciatura em Pedagogia.

Observou-se que o professor trabalhava os conteúdos de Matemática em sala de aula, de forma contextualizada, com as situações do dia a dia, partindo sempre do concreto dos alunos, para depois exemplificar através de situações problemas, envolvendo a linguagem matemática de forma clara proporcionando, assim, uma aprendizagem significativa. É oportuno esclarecer, que as observações realizadas eram cuidadosamente descritas no diário de campo.

Reforçam os autores que um trabalho de pesquisa nessa perspectiva, implica planejar ou delinear o caminho a ser percorrido, uma vez que esse trajeto levará o investigador a alcançar diferentes resultados, necessitando assim avaliar as restrições e oportunidades colocadas dentro do contexto que se pretende trabalhar.

Enfim, o resultado da análise que se segue permeou todo o processo pesquisado e reuniu todos os dados que foram possíveis coletar, buscando agrupá-los em função de suas especificidades e de seus pontos comuns, para a dimensão que assume este artigo.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Os dados em análise foram coletados através de observações realizadas, durante o ano de 2016, cota 2016-2017, do projeto de pesquisa PIBIC/UEPB. A pesquisa se desenvolveu em uma sala de aula de pessoas jovens e adultas, de uma escola pública municipal de Campina Grande-PB. O resultado dessa pesquisa nos trouxe algumas inquietações acerca da prática social de alfabetização e letramento em EJA, sobretudo em relação ao ensino da Matemática, que passamos a sistematizar neste artigo, como algo inédito, para ser submetido ao IV Congresso Nacional de Educação.

Com base na vivência da pesquisa pudemos perceber que ensinar a ler e a aprender a escrever é um grande deslumbramento, tanto para o professor quanto para o aluno adulto pouco escolarizado. Diante disso, o professor deve saber o que é alfabetização e, conseqüentemente, a diferença entre alfabetização e letramento, situações paralelas, inter-relacionadas, mas, que são diferentes. É necessário saber como o jovem/ adulto aprende e de que forma adquirem

aprendizagem e que conflitos internos estão envolvidos nesse processo de letramento.

Nesse ponto, Kleiman (2009, p.95) ao pesquisar sobre “letramentos múltiplos, escola e inclusão social” considera que existe a possibilidade de práticas de letramento em diferentes contextos, desde as práticas de letramentos locais, globais, escolares e valorizados quando diz que:

Pode-se afirmar que a *escola*, a mais importante das agências de letramento, preocupa-se, não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de prática de letramento, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), processo geralmente percebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção na escola. Já outras agências de letramento, como a *família, a igreja, a rua como lugar de trabalho, mostram orientações de letramento muito diferentes* (ROJO, 2009, p.25).

Nessa perspectiva, podemos dizer que as práticas sociais de letramento que nos exercemos diferentes contextos de nossas vidas como é o caso das pessoas jovens e adultas vão constituindo, nossos níveis de alfabetismo ou de desenvolvimento de leitura e de escrita e, dentre elas, as práticas escolares. Por isso, o significado do letramento varia através dos tempos e das culturas e, muitas vezes, dentro de uma mesma cultura. Daí que um dos momentos cruciais do processo de escolarização é a alfabetização.

Afinal é durante esse processo de alfabetização que os jovens e adultos começam a se familiarizar com o universo da língua escrita. Assim, é nessa faixa etária que as práticas sociais de leitura e de escrita passam a despertar a curiosidade dos novos leitores e escritores, processo esse que estaria ligado a mecanismos de adaptação da população às necessidades e exigências sociais do uso da leitura e da escrita, para funcionar em sociedade enquanto elemento do conhecimento como letramento. Embora esses dois conceitos sejam conhecidos por muitos educadores, ainda deixam dúvidas sobre o que significa letras nessa época da escolarização.

Tomando por base a turma de pessoas jovens e adultas que foi observada, pesquisada, procurou-se entender, no contexto de sala de aula de uma escola pública, que funciona no horário noturno da rede municipal de Campina Grande. Desse modo, fez-se uma seleção e um agrupamento e a transcrição de falas da escuta que sinalizam para as necessidades dadas nas falas desses alunos, ou como, sugere (GUERRA, 2013, p.53) ao estudar a conversação dos alunos da EJA ela quer saber, qual é o interesse ou a necessidade que possui o aluno jovem, adulto ou, até mesmo idoso de buscar um Curso de Alfabetização, no contexto escolar, do turno noturno. A este respeito, a autora sugere que, neste caso, o pesquisador precisa fazer uso de uma atitude considerada de fundamental importância, para uma pesquisa de abordagem



qualitativa que é a disponibilidade do pesquisador para ouvir o outro e de gostar de ouvir o que o aluno da EJA diz, tanto de forma espontânea no seu dia a dia, para além da sala de aula, quanto no contexto social de interação, construção e necessidades sociais de sua aprendizagem, em sala de aula. Saber sobre o interesse do aluno de desenvolver determinadas práticas sociais de letramento na vida e na escola.

As pesquisas revelam que o conceito de letramento ganhou força no Brasil em meados dos anos 80, época em que países como: Estados Unidos, França e Portugal também passaram a voltar às atenções para as práticas sociais de leitura e escrita mais complexa que as práticas decorrentes da aprendizagem do sistema de escrita. Nesse sentido esclarece Marcuschi

O letramento, por sua vez, envolve as mais diversas práticas da escrita (nas suas variadas formas) na sociedade e pode ir desde uma apropriação mínima da escrita (...) até uma apropriação profunda. (...) letrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz um uso formal da escrita (2004, p. 25).

Hoje em dia, há tendências variadas sobre estudos que se ocupam destas relações entre fala e escrita. A primeira tendência é, pois, a que se dedicam a analisar as duas modalidades de uso da língua, a fala em oposição à escrita e percebem-se, sobretudo, as diferenças na perspectiva da dicotomia.

O trabalho através do letramento torna-se eficaz à medida que os alunos vão construindo seu próprio significado da leitura, para fazer uso da escrita de maneira correta. “Não basta saber ler e escrever, é preciso também fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências da leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente ” (SOARES, 2003. p. 20).

Os conhecimentos trabalhados em sala de aula através das situações problemas, com o conteúdo de divisão e multiplicação mostram como se faz necessário uma ponte com a realidade e os conhecimentos já construídos através dessa compreensão e interpretação por parte dos alunos criando estratégias cognitivas para resoluções dos mesmos. Diante disso, deixa evidenciado pela fala dos alunos quanto à realização da atividade proposta pelo professor toma como base o seu contexto real, com suas relações e experiências que são dispostas no dia a dia através de “problemas matemáticos” que por sua vez instigam cada vez mais a atenção dos alunos, para o que está sendo trabalhado em sala com a utilização do conteúdo programático para a superação de dificuldades, que conseqüentemente surgem.

Nessa perspectiva, passamos ao registro de 2 (dois) exemplos coletados, a partir da observação em sala de aula. Vejamos a seguir a transcrição dos exemplos a partir das orientações dadas por Marchschi, entre outros autores da Análise da Conversação

**EXEMPLO 1:** *O professor trabalha em sala de aula a disciplina de Matemática do I Segmento da EJA, tomando por base as experiências dos alunos. Desse modo, o nível de compreensão que resulta dos Alunos A1, A2, e A3 são bem visíveis, na transcrição das falas a seguir (Aula do dia: 09 de Maio de 2017)*

- |           |  |
|-----------|--|
| <b>A1</b> | quando o assunto é voltado para a nossa realidade/.../ fica simples... aprender MATEMÁTICA |
| <b>A2</b> | não... pensei... que era tão FÁCIL assim depois de ler                                     |
| <b>A3</b> | utilizei a multiplicação... no dia a dia... para fazer essa atividade                      |

Podemos verificar na sequência acima que, quando o professor consegue trabalhar o conteúdo de sua disciplina em sala de aula centrado, nas necessidades do aluno parece indicar uma intenção de especificação e, conseqüentemente, um nível maior de aprendizagem significativa conforme se observa, nas falas de **A1**, **A2** e de **A3**, no texto dado acima. Assim, a compreensão das questões de ensino e aprendizagem depende desse desenvolvimento do processo de ensino e da aprendizagem, nas representações e critérios, que os educandos adotam para calcular e organizar as ideias através da leitura e interpretação mediada pelo professor, esse é o reflexo da relação que esses sujeitos têm com a sua realidade matemática escolar e a matemática formal, fazendo com que cada vez mais ocorra uma aproximação com a disciplina que se torna uma ferramenta de mudança. Com essas superações das dificuldades e exercício de autonomia despertam no aluno o prazer pela disciplina, além de contribuir para uma formação mais completa dos fenômenos matemáticos pertencentes em seu meio cultural.

Se pretendemos contribuir para que os educandos sejam sujeitos das transformações sociais e do uso da matemática delas, é necessário que contribuamos para que ele desenvolva um modo de pensar e agir que possibilita captar a realidade enquanto processo, conhecer suas leis internas do desenvolvimento, para poder captar as possibilidades de transformação do real (DUARTE, 2008, p.10).

O letramento é, então, um fenômeno de cunho social, e que salienta as características sociohistóricas ao se adquirir o sistema de escrita, por um grupo social. Ele é o resultado da ação de ensinar e/ou de aprender a ler e escrever, e denota estado de condição em que o indivíduo ou a sociedade obtém como resultado de ter-se “apoderado” de um sistema de grafia, principalmente.

**EXEMPLO 2:** *A sala de aula no contexto social das práticas de letramento ganha espaço, para a construção de uma aprendizagem significativa entre os alunos da EJA (Aula do dia: 30 de Agosto de 2017 )*

- A1 /.../ assim eu quero aprender a ler e... a escrever... pra se DEUS quiser tirar minha carteira de motorista no ano vindouro /.../
- A2 eu tenho fé em DEUS qui depois daqui eu vou saber assinar meu nome... também fazer conta /.../ eu aprendo... quieusei...em nome de DEUS esse é o meu sonho /.../
- A3 na minha casa tudin incentiva... a mim pra estudar /.../ começou do meu filho pra ensinar o dever /.../ aqui eu já aprendi muntas coisa... e eu quero continua meusistudo /.../
- A4 sabe duma coisa ((*rindo e com a mão na cabeça*)) se eu tivesse assim muito professor e professora... ((*tinha o professor da turma a aluna pesquisadora e chegou mais outra professora*)) na sala de aula... que me ensinasse... eu ia aprender logo... sabia...

Como podemos conferir, no **EXEMPLO 2**, o dizer de cada **Aluno (A1, A2, A3 e A4)** nos ajuda a entender de que, na unidade de sua fala revelada de modo individual está, em essência, o significado dos “múltiplos letramentos” (ROJO, 2009). Essas várias visões sobre letramento referendadas, por cada autor em perspectivas diferentes, de que estamos tratando ao longo do texto devem ser levadas em conta, quando se trata de uma pesquisa que é realizada no *lócus* da sala de aula, sobretudo, em relação aos sujeitos da EJA, principalmente porque o modelo de escola que temos é o reprodutor, e ela não está conseguindo desenvolver as habilidades de leitura e de escrita necessárias para a intervenção da transformação da sociedade brasileira, que ainda é marcada pela desigualdade.

Quando Freire trabalha a educação de adultos, seu pano de fundo é: a justiça social, o trabalho, a conscientização. Neste caso, o autor coloca em relevância o papel social e trás para discussão que “a leitura de mundo precede a leitura da palavra” e, isto, não deixa de ser, o que haveremos de chamar anos depois de letramento. Onde a alfabetização tem um papel social e a leitura tem organização e sentido, motivação e a certeza de que o aluno alfabetizado e letrado é um sujeito político, questionador de direitos e deveres.

O letramento não está restrito ao sistema escolar, mas é de competência da escola, fundamentalmente, contribuir para que os indivíduos cheguem a atingir um processo mais profundo e autônomo, em suas práticas sociais que envolvam sempre desde a perspectiva discursiva até a prática da leitura e da escrita.

Saber ler e escrever, por exemplo, um montante de palavras não é o bastante para capacitar o indivíduo para a leitura diversificada. Neste ponto entende-se que surge a necessidade de se desenvolver graus de letramento dos indivíduos envolvidos, no processo de aprendizagem para que estes possam inteirar-se de forma crítica à sociedade (KLEIMAN, 2012).



É inadmissível, que um requisito básico como a alfabetização não tenha ainda, sido conquistado pela população como todo. Há milhões de analfabetos carentes de uma oportunidade e confinados a um mundo menor, de verdadeiro cárcere ao iletrado. O mundo se transforma com o conhecer das letras e alavanca possibilidades de vida.

Paulo Freire pensou que um método de educação construído em cima da ideia de um diálogo entre educador e educando, não poderia começar com o educador trazendo pronto a sua fala. O propósito principal é que a educação é um ato coletivo, há sempre educadores-educando e educandos-educadores. Já a cartilha, utilizada antes da teoria freiriana era um saber abstrato, muitas vezes, imposto e decorado (RIBEIRO, 2002).

É preciso pensar o universo em que os educandos vivem a cultura em que está inserido, o lugar de trabalho, levantar dados juntamente com a comunidade a ser educada e construir a alfabetização a partir do conhecimento de suas realidades para somente depois aprofundar na formação de novas palavras, novos conhecimentos em uma sociedade letrada aos quais os jovens e adultos estão comumente imersos nesse contexto. A relação entre educador – educando na perspectiva freiriana não deve ser uma relação de imposição, mas sim, uma relação de cooperação, de respeito e de crescimento. Além disso, a humildade, simpatia e o respeito entre professor/aluno propiciam um trabalho construtivo. A interação entre educador/educando ultrapassa os limites profissionais e escolares, pois, envolve sentimentos e deixa marcas para toda vida, quando a educação de jovens e adultos age, por meio da “dimensão afetiva na mediação pedagógica” Gasoli (In: LEITE, 2013). Diante disso, se faz necessário um questionamento, ou seja: “professores, vocês têm um convívio saudável com seus alunos?” Lembrando sempre que não é possível educar sem diálogo. A nossa sociedade alimenta-se de diálogo e é através deste que assistimos ao progresso da educação.

Os envoltimentos desses educandos em atividades que sejam úteis para alcançar seus objetivos são extremamente importantes, pois além de mostrar a importância que a Matemática tem em suas vidas, também resgata o entusiasmo castrado no momento em que se distanciaram dos bancos escolares um dos principais objetivos do ensino de matemática é fazer o aluno pensar produtivamente e, para isso, nada melhor que apresentar-lhe situações-problema que o envolvam, o desafie e o motivem a querer resolvê-las (DANTE, 1991, p.11).

O resgate da importância do letramento na linguagem matemática, por parte do professor proporciona um interesse aos educandos, de forma que se cria uma problematização e um aprofundamento, que será gerado conforme uma necessidade de adaptação de atividades que são colocados pelas situações-problemas e através de observações.

O letramento na educação de jovens e adultos tem se tornado cada vez mais importante, tendo como base os estudos de Paulo Freire é válido dizer que a escrita se dá a partir do contexto social e cultural do educando. Desse modo, o termo letramento tem condições de atuação maiores que o termo alfabetização por si só, pois, o letramento voltado para a alfabetização permitirá que o indivíduo possua conhecimento e compreensão de códigos a partir de sua realidade, isso implica dizer que o letramento não se dá, apenas, pelo conhecimento da escrita, mas, pelas diversas práticas socialmente contextualizadas, como por exemplo: fazer compras identificando rótulos, realizar procedimentos bancários, pegar ônibus e etc. O indivíduo é letrado, pois participa de forma significativa nesse processo de letramento e não aquele que faz o uso formal da escrita de forma mecânica a reproduzir uma simples codificação. Dessa maneira, o indivíduo letrado interage com o mundo em volta e compreende melhor o meio ao qual está inserido de forma crítica a redefinir sua postura diante as problemáticas.

“...vá percebendo seu processo de recriação do conhecimento matemático e do uso adequado que tem feito do produto desse processo para responder aos desafios e exigências de suas necessidades cotidianas; vá se tornando sujeito de seu aprendizado sistemático do conhecimento matemático, superando seu processo de aprendizagem anterior...” DUARTE 2008. Pag, 18

A aquisição do conhecimento é atrelada aos saberes já vindos com o aluno de sua experiência fora da escola, é nesse processo de possibilidades de superação de situações problemas, em sala de aula que os mesmos fazem sua produção de conhecimento com o novo fazendo parte de um método intencional dirigido pelo professor para o processo evolutivo de ensino/aprendizagem da matemática.

## **CONCLUSÃO**

Entre os resultados da pesquisa realizada com pessoas jovens e adultas e dos objetivos de estudo constados, em âmbito geral, destaca-se a evidência de que, a alfabetização é um processo de aprendizagem e ensino, enquanto processo inicial do domínio da escrita e da leitura.

Alem disso, é possível observar que, o papel do educador da EJA, em ambos os processos seja da alfabetização em língua portuguesa seja da alfabetização de homens e mulheres envolvidos nesse processo como sujeitos histórica e socialmente negados, para a linguagem matemática. Assim, no campo da EJA, a presença do professor surge com grande importância

na relação de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, podemos afirmar que as experiências vividas em sala de aula, por meio do letramento permitiram trocas afetivas positivas que não só marcaram significativamente o objeto de conhecimento estudado, neste artigo, como também favoreceram a ascensão do conhecimento que o aluno já possui e que promoveram repercussões marcadamente afetivas e constituíram um dos diferenciais, que pode transformar a aprendizagem em uma experiência de sucesso ou de fracasso.

Nos comentários dos alunos, destacaram-se o desejo e o prazer em realizar as atividades planejadas pelo professor. Neste sentido, outro ponto relevante observado nas falas foi à importância das diversas formas de interação entre professor e alunos, as quais contribuíram para a construção de um sentimento de autoconfiança nos alunos, influenciando diretamente no processo de aprendizagem e práticas de letramento escolar.

Podemos concluir que as experiências de sala de aula também contribuíram para um crescimento cognitivo considerável, em relação ao domínio dessa técnica experimentada, pelas múltiplas práticas de letramento, nas mais variadas atividades que possam aparecer no dia a dia envolvendo principalmente, as operações matemáticas. Porém, para que isso aconteça se faz necessário que a metodologia que o professor trabalha em sala esteja devidamente adequada à realidade desses alunos, estimulando, mediando e problematizando tudo o que for trabalhado, em relação aos conteúdos matemáticos, sendo assim esse processo de letramento em matemática não é algo pronto ou acabado e, está sempre em processo de construção (re)inventando novas significações a todo contexto vivenciado, por parte dos jovens e adultos.

## **REFERÊNCIAS**

BOGDAN, R; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Portugal: Porto, 1994.

DANTE, Luiz Roberto. **Didática de resolução de problemas de Matemática.** 2 ed. São Paulo: Ática, 1991.

DUARTE, Newton. **O ensino de matemática na educação de adultos.** 10 ed. São Paulo, Cortez, 2008.

FREIRE. Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

GUERRA, Maria José. **Conversação de idosos em contexto alfabetizador universitário e a oralidade desveladora de uma pedagogia da convivialidade.** João Pessoa: UFPB, 2013.

KLEIMAN, Ângela B. (org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a**

prática social da escrita. São Paulo: Mercado de Letras 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática 1999.

\_\_\_\_\_. **Da fala para a escrita**: atividade de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

MINAYO, M. Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 31ed. São Paulo: Vozes, 2012.

MOLLICA, Maria Cecília & LEAL, Marisa. **Letramento em EJA**. São Paulo: Parábola, 2009.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 3ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

RIBEIRO, Vera Maria Masagão (coord.). **Educação para jovens e adultos- ensino fundamental**: proposta curricular - 1º segmento. São Paulo: Ação Educativa, 2001.

\_\_\_\_\_. **Alfabetismo e atitudes**: pesquisa com jovens e adultos. 2ed. São Paulo: Papyrus, 2002.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social**: métodos e técnicas. 3ed. São Paulo: Atlas, 2009.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. 2 ed. 6 reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.